

07

Pensar a Representação
Objetos e Processos

PAR

This is not
a protest,
this is
a process

Isabel Baraona & Célia Ferreira

<https://doi.org/10.25766/sr5p-g612>

Este texto resume de modo livre a apresentação que fizemos nas aulas PAR 2018, refletindo sobre o trabalho e a vida de Patrícia Almeida. Na apresentação recorreremos aos suportes visuais que evidenciam o trabalho da fotógrafa, artista visual e editora Patrícia Almeida e, sempre que forem acessíveis, deixaremos aqui os links. A ‘aula aberta’ foi dividida em duas partes, uma a que chamamos “ma vie va changer, my life is going to change, a minha vida vai mudar”, em que Isabel Baraona nos traçou a relação entre os livros e a vida da Patrícia Almeida, e uma segunda intitulada “Ver é muito difícil” em que Célia Ferreira procurou salientar alguns tópicos do trabalho de Patrícia Almeida e da sua actividade docente. Neste texto os dois momentos apresentam-se entretecidos. O título da apresentação foi sugerido pela Isabel e roubado a um dos lemas cunhados pelo movimento Global Occupy.

Os livros que comentamos foram publicados pela Ghost¹, editora iniciada por Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot. Ghost é a junção de duas palavras: guest e host; essa junção visa traduzir uma abordagem transdisciplinar e pluridisciplinar. Enquanto editora publicam os projetos dos seus fundadores, mas acolhe igualmente projetos de outros que, por sua vez, influenciam os projetos que estão a fazer. Para tornar claro, em cada livro ou edição há uma relação muito próxima e dialogante entre o designer, o autor, o editor. O host é o guest, o guest passa ser o host². O cuidado na escolha das palavras não revela apenas um programa de trabalho, é sinónimo de abertura e disponibilidade, que se traduziu em novos processos, em trabalhos colaborativos de várias ordens. Como por exemplo na organização de conferências em torno de livros, a que se chamou “O que um livro pode” (2011-2016). A primeira conferência foi organizada em 2011, no mesmo ano de fundação da Ghost e, como diz a Patrícia numa entrevista dada à Ana João Romana, “daquele tempo quando não havia dinheiro para muita coisa, fala-se! E falar pelo menos ninguém nos tira!”³

1. *ma vie va changer, my life is going to change, a minha vida vai mudar*

*2012, I fear nothing: não tenho medo porque não tenho nada*⁴

No dia 15 de outubro de 2011 foi organizada uma marcha de protesto em Lisboa e ao final do dia os manifestantes invadiram as escadas da Assembleia da República, organizando aí uma espécie de assembleia. Houve confrontos com a polícia e o livro “I fear nothing: não tenho medo porque não tenho nada” documenta os cartazes que foram abandonados no perímetro, ao fim do dia. Para além de os fotografar, a Patrícia (e o David) recolheu alguns desses cartazes de protesto que integraram instalações temporárias, algumas feitas propositadamente para serem fotografadas, como a resultante da colaboração com a Revista Granta 3 – Falhar melhor.

Por esta altura o David era um trabalhador independente a recibos verdes e a Patrícia, que era professora assistente, com contratos precários, era uma doente oncológica. Falamos deste aspeto mais íntimo das suas vidas porque como diz a Susan Sontag logo na primeira frase de ‘A doença como Metáfora’: “A doença é o lado sombrio da vida, uma cidadania bem pesada”⁵. E mais à frente a Susan Sontag explica de forma sucinta como o cancro e o nome de outras doenças se tornam injúrias, são usadas como metáforas associadas a inquietações sociais, associado a um vocabulário militar ou à área da economia. Folheando as páginas de *Ma vie va changer* (2015), justaposta à fotografia de uma máscara hospitalar vemos a imagem de um homem que empunha um cartaz onde se pode ler “Banks are cancer”. O cancro invade, coloniza, quebra as defesas do corpo, a doença é um inimigo com quem se trava uma guerra, é nefasto como o tentacular capitalismo sem escrúpulos.

Mas isto, a minha apresentação e o trabalho da Ghost, os livros que publicaram, não são um protesto são um processo. São um processo de aprendizagem de uma nova forma de trabalhar e viver, são um modo de (re)conhecimento das mudanças afectivas (familiares) e também sociais, económicas, entre outros aspectos do quotidiano, que se alteram com a crise económica vivida entre 2007 e o fim do resgate financeiro pela Troika.

Mais do que um protesto há que sublinhar a importância do processo, pois como diz a Patrícia no breve documentário da RTP 2 intitulado ‘Entre imagens’⁶, a questão da montagem e da edição, da escolha e da sequência são aspetos fundamentais da sua prática. Geralmente fala-se do trabalho dela como fotógrafa,

mas para mim o trabalho dela excede o território específico da fotografia e da fotografia documental, tornando-se outra coisa à qual não tenho intenção de dar nome.

2014, My life is going to change⁷

Esta publicação foi feita em colaboração com um conjunto de alunos de diversos cursos. Esta edição é um livro que pode ser facilmente desmontado, visto que as folhas são apenas encasadas, e apresentado sob a forma de instalação. O que aliás já aconteceu por diversas ocasiões, como nas iniciativas organizadas pela EPEA (European Photo Exhibition Award) em diversas cidades Europeias. O ponto de partida é um arquivo de recortes de jornais diários e semanários. Arquivo este constituído entre 2011 e 2012 e que foi partilhado e discutido com os alunos que no estúdio da escola reencenaram algumas imagens, como as poses adoptadas pelos políticos na sua afirmação de poder. Gosto particularmente deste projeto porque para além dos aspectos mais técnicos, do trabalho em estúdio, iluminação, composição, etc., o mais difícil é ensinar a pensar. Isto é, promover um pensamento aberto e crítico sobre o trabalho e sobre o mundo.

2015, Ma vie va changer⁸

Este é um livro simultaneamente complexo e simples. O formato alongado e horizontal remete para um álbum de fotografias de família. Funciona como um diário íntimo que regista um quotidiano. Ao folheá-lo testemunhamos o crescimento das crianças, um casamento, os tratamentos médicos, vemos também um retrato de uma época, das manifestações globais occupy, contra os sistemas, os bancos, os governos e políticos corruptos, os indignados, a primavera árabe, a presença do FMI em Portugal.

Mas para além dessa documentação de natureza diversa, imagens fotográficas, recortes e colagens, este álbum estabelece relações ou inclui outros projetos e livros editados pela Ghost, como por exemplo Secalharidade⁹. Uma grande ampliação de Secalharidade desfilou num protesto público na Avenida da Liberdade e uma imagem da presença desse cartaz na multidão foi incluída nesta publicação. Ora, é evidente que – sem nunca haver uma devassa da vida privada – há, neste livro, uma relação muito íntima entre o fazer do trabalho e a vida, o trabalho é vida vivida. Digo vivida, sim, vivida pela Patrícia e pelo David mas

também por todos os que os rodeiam e com eles colaboram. Um dos aspectos que mais me comovem neste livro é testemunhar as muitas expressões de afecto escusando qualquer indício de voyeurismo ou de patético.

Para além de repositório íntimo é igualmente um registo de um longo processo de trabalho, é um livro que documenta a realização do próprio livro. É importante destacar: este é um livro que contém muitos livros, o objeto final¹⁰ inclui imagens das inúmeras maquetas, dos diversos ensaios e monos feitos. Cada página do álbum mostra-nos a imagem de duas páginas (fotografias de monos), uma especulação explícita sobre as inúmeras possibilidades inerentes à organização da sequência de imagens. Revelam-se várias linhas de pensamento dos seus autores, as infinitas possibilidades de criar relações entre sequência e narrativa, expondo assim a riqueza (quase inesgotável) do arquivo material reunido.

A minha vida vai mudar foi ou talvez ainda seja um projeto que se estende no tempo, não é um protesto especificamente contra a situação social, nem contra a doença, é um processo de trabalho que leva a uma compreensão da mudança contínua do mundo e de cada um de nós.

2. Ver é muito difícil

A Patrícia Almeida era professora de fotografia na ESAD.CR, também aqui exercitava o seu olhar e o olhar dos seus alunos, sobre o mundo. Não pretendemos comentar todos os projetos da Patrícia Almeida; se olhamos especialmente para o projeto 'my life is going to change', desenvolvido entre 2011 e 2015 é porque nesse projeto são mostrados muitos traços da actividade que é ensinar e aprender a ver. O projeto desdobra-se em vários momentos. No tempo em que vivemos é necessário pensar a relação com as imagens que se infiltram na vida e que são produzidas pelos media, que chegam de um exterior mediatizado e que se instalam dentro das casas, nos écrans e a nos corpos. Sabemos que as imagens influenciam o desejo, a relação com os outros, que sublinham (muitas vezes em formato cliché) o acidente, a festa, o mal, o crime, a felicidade de todos nós. É sobre essas imagens comuns (*esse sentido comum*) que Patrícia Almeida exercita algumas formas de aprender a ver. Das formas de aprender a ver, presentes na prática/na vida da Patrícia e nos exercícios propostos aos seus alunos, realçamos: a crítica da separação, o humor, o estudo da imperfeição, a partilha e a montagem.

A crítica da separação

A dualidade das imagens interiores/exteriores à vida, a distância entre o que se representa e o que se vive e a crítica dessa separação foram denunciadas por Guy Debord em “A sociedade do espectáculo”, de 1967. O autor mostra como o espectáculo está tão entrosado no nosso quotidiano que fazer a sua crítica é quase uma impossibilidade. Por isso para examinar as imagens a crítica deve ser prática. “My life is going to change”¹¹ é um exercício didático (2011-2014) encenado pela Patrícia Almeida com um grupo de estudantes que reproduzem com o seu corpo as poses de um discurso codificado: a pose do corpo-no-espço-público das figuras públicas. Os alunos vestiram a pele de actores públicos incorporando gestos padronizados, automatizados, pertencentes à retórica do espaço mediatizado. Assumiram a representação do corpo dos “outros” através do próprio corpo, reviram-se, viram onde acertaram, onde falharam, eles e os “outros”. Trabalharam a possibilidade da imitação como crítica.

Essa imitação estudada permite pensar a visibilidade do mundo e do sujeito, não como um jogo ou como uma tentativa de recodificação, ou de criação de novas regras, mas como um exercício verdadeiramente político: o de perceber o que dessas imagens, nessas poses, está ao nosso alcance, como as podemos questionar, como podemos pensar as formas públicas de visibilidade das imagens, os corpos-imagens que atravessam o nosso quotidiano. É o corpo que melhor reage aos códigos de modo crítico, irónico e próximo. As imagens dos jornais desaparecem e incorporam-se em novas imagens.

Humor

Não sermos capazes de rir de nós próprio é um pecado capital. O humor é sempre atento, mas enquanto exercício crítico é muitas vezes distanciado, exercido do exterior.

A Patrícia Almeida achava graça ao trabalho de Martin Parr, ao mundo colorido cheio de absurdo, plástico e kitsch desse fotógrafo. A crítica aos modos de vida, com ironia e algum distanciamento, está presente em alguns projetos de Patrícia Almeida. Recordamos o projeto sobre o Algarve, transformado pelo turismo num playground, chamado Portobello e que David-Alexandre Guéniot¹² comenta de forma certeira, mas julgamos mais relevante salientar aqui os trabalhos em que o humor se torna interior, afectuoso e onde há uma partilha

popular, genuína e crítica do quotidiano, presente ao longo de vários projetos e que, de forma subtil está presente por exemplo, num projeto romântico como “All Beauty Must Die”.

No projeto “My life is going to change”, há um tipo de humor forte e familiar, e também interventivo e partilhável, resistente, é um olhar para dentro do país, da crise, da família, que opera sobre as imagens que existem dentro e fora das nossas vidas.

Ao sublinhar o humor, sublinhamos a dimensão de metalinguagem, o comentário crítico sobre a fotografia, o estudo dos códigos fotográficos que a montagem e a desmontagem exercitam. A crítica às imagens dos mass media, aos discursos dos políticos, às acções do poder são tecidas com a vida quotidiana, com a vida familiar em contraponto, com a emoção, o riso e o choro, a dizer *nós*. Isso vê-se e sente-se, também, no livro “Ma vie va changer”. Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot tecem e questionam a dimensão privada e pública das imagens e das palavras, o discurso público e a voz íntima, as imagens dos media e as imagens da família e dos amigos...

Partilha

Nos trabalhos da Patrícia e da Patrícia com o David-Alexandre Guéniot há uma qualidade de partilha que nos parece fundamental. O colectivo está presente. Não há receita para isto, mas o colectivo precisa do olhar comum, do retorno ao álbum, ao arquivo, da revisitação. Quando não é o cartaz a dizer lembrança, é o livro, a editora, os amigos, os estudantes.

Estudar a imperfeição, o aberto, o inacabado

Muitos de nós estamos envolvidos nestas acções, inseparáveis, de aprender e ensinar a ver. Aproveitamos por isso para falar da dificuldade de pensar e fazer imagens que de algum modo resistam ao que existe, imagens com atrito. Da educação para as imagens espera-se, quase sempre, um exercício de decifração e compreensão mas, por vários motivos, fazem-se muitas vezes esses exercícios de aprendizagem com as ‘boas’ imagens, ideais, de sucesso, imagens fechadas. Essa ‘perfeição’ que, se não for acautelada, resulta em conservadorismo e cânone não é apenas apanágio de um tempo passado.

A procura da perfeição é parte do processo de ensino, mas ver/viver num mundo cheio de complexidade e ruído, necessita da aprendizagem da experimentação, do acidente, do imprevisto. Ensinar a imperfeição, sem cair no facilitismo, é complicado: nem tudo serve, nem tudo funciona, nem tudo nos conduz a uma atenção crítica.

Ver é difícil, porque o olhar que temos é aquele que nos constitui.

Montagem

A montagem das imagens é reveladora. Vemos no atelier da Patrícia o exercício de apagar todas as imagens dos jornais, de os deixar com tarjas negras, com espaços rasurados e depois o contrário desenhar as palavras, e também o movimento contrário de deixar as imagens apagarem as palavras. O trabalho de ocultação e desocultação, o trabalho da montagem sobre as relações entre elementos que nos habituámos a ver de certo modo, mas que podem, devem ser trabalhadas, fazem parte do processo de criação da Patrícia Almeida. A pesquisa sobre as relações esclarece as formas de visualidade: o que falta, o que existe, o que não pode existir.

A Patrícia diz numa entrevista: “O que de facto me interessa é trabalhar nas relações entre as imagens, e não tanto nas imagens propriamente ditas, isoladamente. Trabalhar sobre o que elas podem sugerir a partir do momento em que as aproximamos umas das outras, que as colocamos em relação, e que é da ordem do sentido – da significação – e não só da ordem do sensível, do visível”.¹³

Perguntaram a Georges Didi-Huberman o que pensava dos modos de difusão das imagens e da sua banalização, e ele respondeu que a banalização não provém das tecnologias das imagens, mas do ver... Ver de forma não banal é resistir à facilidade dos discursos imagéticos standartizados. A montagem que temos que fazer é imperfeita, transitória, contextual, deve ser desacelerada ou repetida. No livro “My Life Is Going to Change” o cancro da austeridade, das finanças, do dinheiro, com as suas recidivas existe a par com corpos (sãos e doentes), da indignação, famílias, nomes, palavras, objetos improvisados, palavras escritas ostensivas. Podem existir imagens banais, mas a Patrícia e o David não deixam que o ver se banalize, mostram-nos como somos espectadores necessariamente implicados.

Patrícia Almeida explica que procura como “consequência de uma melhor compreensão da (minha) prática: fazer com que o momento da exposição, da composição, da edição do material, corresponda à natureza desse mesmo material – tal como foi produzido no momento da captação”, essa inscrição do eu no tempo do acontecimento das imagens, de forma livre e crítica, é alguma coisa que temos que aprender.

NOTAS

¹ Quando adotaram este nome para a editora, ainda não sabiam que este trocadilho havia sido criado por Marcel Duchamp em 1953 para uma exposição em Paris.

² AA.VV. Portuguese Small Press Yearbook 2014. Lisboa, Catarina F. Cardoso/Isabel Baraona, 2014, (página 30).

³ https://www.youtube.com/watch?v=2IICk7k-bNs&feature=emb_title

⁴ <http://www.patriciaalmeida.com/ifearnothing.html>

⁵ Sontag, Susan (2009). *A Doença como Metáfora - A Sida e as suas Metáforas*. Quetzal.

⁶ <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/patricia-almeida/>

⁷ <http://www.patriciaalmeida.com/mylifeisgoingtochange.html>

⁸ <http://www.patriciaalmeida.com/mylifeisgoingtochangebook.html>

⁹ *Secalharidade* é o título de uma conferência-performance do João Fiadeiro e da Fernanda Eugénio, que foi apresentada na Culturgest no contexto do festival Alcântara, e é igualmente o título de um conjunto de livros e de uma edição especial, um desdobrável impresso em serigrafia. <https://vimeo.com/94359434>; <http://www.ghost.pt/secalharidade.html>; http://www.ghost.pt/secalharidade_specialedition.html

¹⁰ Em 2020 foi publicada uma versão *in memoriam*, com o subtítulo “In the End, it was Economy”. O volume tem um formato próximo ao livro de bolso, a sequência de imagens é diferente da primeira versão pois cada página contém apenas uma imagem. <http://www.ghost.pt/mavievachanger2.html>

¹¹ <http://www.patriciaalmeida.com/mylifeisgoingtochange.html>

¹² “What the ‘clichés’ of Portobello reveal us then, are not only the stereotypes upon which that fiction is built, but most of all what those photographic moments have of specifically non decisive, i.e., the duration of that time slip, the depth of that dead time which invades and crosses the clichés, a duration where, like in a plastic film, fiction seems to be able to detach (itself) from reality. (...)” David-Alexandre Guéniot. <http://www.patriciaalmeida.com/portobello.html>

¹³ https://www.youtube.com/watch?v=2IICk7k-bNs&feature=emb_title